



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO – BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES
ODETE DALME INFAN**

**RELAÇÕES DE GÊNERO DAS BALANTA KUNTOI NA SECÇÃO DE
INGORÉ EM GUINÉ-BISSAU: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE
MULHERES (2018-2024)**

ACARAPE-CE

2024

ODETE DALME INFAN

**RELAÇÕES DE GÊNERO DAS BALANTA KUNTOI NA SECÇÃO DE
INGORÉ EM GUINÉ-BISSAU: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE
MULHERES (2018-2024)**

Projeto de Pesquisa apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB-Campus Ceará.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Carla Susana Alem Abrantes

ACARAPE-CE

2024

RESUMO

Este projeto tem por objetivo analisar as relações de gênero, com destaque status das mulheres Balanta Kuntoi no período de 2018-2024, num relato de experiências sociais, políticas, culturais e econômicas na secção de Ingoré. A nossa pesquisa centraliza-se na secção de Ingoré e trata dos desafios enfrentados pelas mulheres Balanta Kuntoi. As mulheres do subgrupo “Balantas Kuntoi” são tradicionalmente responsáveis por grande parte do trabalho agrícola, especialmente no cultivo do arroz, que é central para a subsistência da comunidade. Além disso, elas são responsáveis pela criação dos filhos, pelo cuidado da casa e pela transmissão de valores e tradições culturais. A função da mulher vai além das responsabilidades práticas do cotidiano, pois ela também é guardiã das tradições e rituais familiares, tendo um papel importante nas cerimônias e nos rituais de passagem. Por meio desta proposta, pensamos as seguintes questões secundárias: Como é que a sociedade dessa secção encara a violência contra a mulher? Quais são os mecanismos adotados pelo Estado, no combate dos elementos ligados a este fenômeno? Entender o papel e a posição do Estado e as organizações não governamentais (ONG) perante essas relações de gênero que as mulheres sofrem nesta seção? Todas estas questões merecem ser analisadas com muita atenção. Nessa pesquisa, para dar conta do nosso objetivo, em primeiro lugar, será feita uma pesquisa bibliográfica, em que buscaremos trabalhos dos autores e das autoras que já pesquisaram a questão do gênero na Guiné Bissau, para analisar relações de gênero que as mulheres enfrentam desde a tenra idade.

Palavra-chave: Gênero, mulheres Balanta kuntoé, Guiné-Bissau. *Violência de Gênero. Estado*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
JUSTIFICATIVA	9
Invisibilidade da Mulher	12
OBJETIVO GERAL	14
Objetivos Específicos	14
PROBLEMA DA PESQUISA	14
REFERENCIAL TEÓRICO	14
EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE BALANTA KUNTOI DE INGORÉ	20
PAPEL DAS ONGS NA LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO E	
VIOLÊNCIAS SOCIAIS	23
METODOLOGIA	24
TÉCNICAS DA PESQUISA	25
REFERÊNCIAS	26

INTRODUÇÃO

Guiné-Bissau é um país africano que se tornou independente unilateralmente de Portugal em 1973. No entanto, Portugal somente reconheceu, oficialmente, a independência da Guiné-Bissau em 10 de setembro de 1974. Localizada na Costa Ocidental da África, com uma superfície total de 36.125 km, faz fronteira com dois países francófonos: a República do Senegal, ao Norte, e a República da Guiné-Conakry na província Leste e Sul. “A costa Oeste do país é banhada pelo imenso Oceano Atlântico e na parte insular encontram-se os arquipélagos dos Bijagós cerca de 90 ilhas das quais 17 habitadas” Ntchala Cá, (2019).

Figura 1 - Bandeira da Guiné-Bissau



Fonte: Acesso em (Google)

O país é composto por oito regiões: Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabu, Oio, Quinara e Tombali, além de sector autónomo de Bissau, capital do país. Uma nação da diversidade étnica na qual cada etnia tem sua própria língua. Desse modo, no país são faladas em torno de 27 línguas étnicas, “além do português como a língua oficial e o crioulo guineense, língua de unidade nacional, pois, é a língua que intermedeia interação discursiva entre diferentes grupos étnico do país” (Couto, Embalo, 2010, p.256. Ntchala Ca, 2019,).

Entre as regiões que compõem o país anteriormente citadas, neste projeto nos interessa a secção de Ingoré. Nesse sentido, é necessária uma breve contextualização desta secção.

Nossa pesquisa centraliza-se especificamente na secção de Ingoré, que fica a 76 km da cidade de Bissau. Ingoré é uma cidade e secção do setor de Bigene na região do Cacheu na Guiné-Bissau, zona norte do país. Nas zonas rurais é fácil identificar que o modo de vida é precário, como mostra Silva (2011), sendo às condições básicas de vida

levada pela população, caracterizada pelo estilo de vida simples, assentada na agricultura e criação de gado (animais), e algumas atividades piscatórias, “por” povoação isolada com distanciamento para escola, menos condição básica da vida, onde, ainda o debate sobre a água potável e saneamento básico, são distantes. É baixo o número da população na capital Bissau que tem acesso à água potável, os que têm condições médias de vida, as restantes camadas da população são de baixa renda e vivem numa precariedade profunda baseada na solidariedade. Os habitantes de zonas rurais vivem das pequenas atividades do campo, para garantir o sustento familiar em casa.

Na secção de Ingoré, a economia gira em torno apenas da produção de caju, estando os produtores locais unidos na cooperativa “Bowendena” onde sumo, bolacha e “bife de caju” são produzidos. A vila possui um campo pólo da Escola Normal Superior Tchico Té (ENSTT). A ENSTT, se tratando de oferta de licenciatura. A vila dispõe de um hospital, existindo também um aquartelamento das Forças Armadas da Guiné-Bissau.

A etnia Balanta é uma das principais e mais numerosas etnias da Guiné-Bissau, representando cerca de 30% da população do país. Tradicionalmente, os Balantas são conhecidos como agricultores e pescadores, ocupando regiões férteis no sul e centro da Guiné-Bissau, especialmente nas áreas de Oio, Cacheu e Quinara. Segundo Lopes, Carlos, em: *A África em Perspectiva: Organizações, Estados e Minorias*. Bertrand Editora, 1995.

O nome "Balanta" significa "aqueles que resistem", refletindo uma forte tradição de independência e resistência à dominação externa, tanto durante o período pré-colonial quanto no colonial. Durante a era colonial, os Balantas tiveram um papel importante na resistência ao domínio português, sendo frequentemente descritos como relutantes em submeter-se à autoridade colonial.

Culturalmente, os Balantas possuem uma estrutura social descentralizada, onde as decisões são geralmente tomadas por consenso dentro de grupos familiares ou aldeias. As autoridades tradicionais, como os anciãos, têm um papel significativo na mediação de conflitos e na organização comunitária. A religião tradicional balanta é animista, com crenças que envolvem espíritos da natureza e ancestrais, embora muitos Balantas já tenham outras religiões,

A agricultura é a principal atividade econômica dos Balantas, especialmente o cultivo de arroz, que tem grande importância cultural e simbólica para o grupo. Eles

também criam gado e realizam atividades de pesca nas zonas litorâneas e ribeirinhas. Apesar de serem um grupo étnico com forte presença no país, os Balantas enfrentam desafios relacionados à marginalização política e econômica. Historicamente, eles têm estado sub-representados nos altos escalões do governo, o que tem gerado tensões políticas. Durante a Guerra de Independência da Guiné-Bissau (1963-1974), muitos Balantas integraram o PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde) e lutaram contra o colonialismo português.

Atualmente, a etnia Balanta continua a desempenhar um papel importante na vida social, cultural e política da Guiné-Bissau, embora as questões de sub-representação e marginalização ainda persistam em alguns contextos.

Os Balantas, um grupo étnico da África Ocidental, especialmente encontrados na Guiné-Bissau, possuem diversos subgrupos que se distinguem principalmente por fatores regionais e dialetais. Os principais subgrupos dos balantas incluem: Balanta (ou Brasa): Encontrados principalmente na região de Oio, no norte da Guiné-Bissau.

1. Balanta Nhacra (ou N'tchon): Vivem nas áreas de Bafatá e Oio.
2. Balanta Kuntoi: Este subgrupo é encontrado em regiões mais ao sul e sudoeste, como nas áreas de Quinara e Tombali.
3. Balanta Mane: São geralmente encontrados na região costeira.

Esses subgrupos compartilham uma cultura e uma língua em comum, mas podem apresentar pequenas variações nos costumes e na língua devido às influências regionais. Assim, a esta pesquisa centraliza nas mulheres de subgrupo Balanta Kuntoi

As mulheres do subgrupo “Balantas Kuntoi” são tradicionalmente responsáveis por grande parte do trabalho agrícola, especialmente no cultivo do arroz, que é central para a subsistência da comunidade. Além disso, elas são responsáveis pela criação dos filhos, pelo cuidado da casa e pela transmissão de valores e tradições culturais. A função da mulher vai além das responsabilidades práticas do cotidiano, pois ela também é guardiã das tradições e rituais familiares, tendo um papel importante nas cerimônias e nos rituais de passagem.

No entanto, apesar dessas responsabilidades vitais para a sobrevivência e continuidade da comunidade, o poder de decisão e a autoridade são geralmente concentrados nos homens. Em questões relacionadas à política, à religião ou à governança local, a participação feminina é muitas vezes limitada ou mediada pelos homens da família.

Uma das principais barreiras enfrentadas pelas mulheres Balantas é a

desigualdade de gênero, que se manifesta de várias maneiras, incluindo o acesso limitado à educação formal e às oportunidades de liderança comunitária. A alfabetização entre as mulheres é consideravelmente baixa, o que restringe suas chances de influenciar decisões políticas e econômicas fora do contexto familiar.

Além disso, as práticas tradicionais, como o casamento precoce e a poligamia, continuam a ser desafios significativos para as mulheres. O casamento precoce, em particular, impede que muitas meninas tenham acesso à educação e as coloca em situações de vulnerabilidade econômica e social. As mulheres também enfrentam limitações no que diz respeito ao direito de propriedade. Em muitas comunidades de Balantas, a terra e outros bens valiosos são herdados pelos homens, o que reforça a dependência econômica das mulheres em relação aos homens.

Apesar dessas barreiras, muitas mulheres do subgrupo Balanta Kuntoi, têm desafiado as normas culturais e buscando maior autonomia e participação. Nos últimos anos, tem havido um movimento crescente de mulheres buscando educação e formação profissional, o que tem ajudado a mudar algumas dinâmicas dentro das comunidades. Grupos de apoio e organizações de mulheres também têm desempenhado um papel fundamental na promoção dos direitos das mulheres, particularmente no que diz respeito à saúde, à educação e à justiça social.

Percebe-se que o papel da mulher do subgrupo Balanta Kuntoi, é central para a sobrevivência e continuidade da comunidade, mas está marcado por desigualdades de gênero que limitam seu poder e sua voz. No entanto, as mulheres estão cada vez mais desafiando essas barreiras, buscando novas oportunidades e maior reconhecimento de seu papel na sociedade, de acordo com Peter Karibe Mendy (1994).

O autor analisa o impacto do colonialismo nas dinâmicas sociais da Guiné-Bissau, incluindo o impacto nas comunidades de Balantas e nas mulheres. Entretanto, é notório que as mulheres dessa comunidade enfrentam uma série de barreiras socioculturais, econômicas e políticas.

JUSTIFICATIVA

No que tange a relevância social desta temática, é que sendo uma mulher Balanta, nasci e quase toda a minha infância vivi na tabanca, mas, sempre constatei que na minha comunidade, as tarefas estão divididas sempre por sexo, ou seja quando for trabalho dos homens acaba envolvendo as mulheres também. Porém as mulheres estão

envolvidas em todas tarefas desde trabalho do campo “plantação de arroz entre outras”, nas diferentes faixas etárias. A minha inquietação está mais nas barreiras socialmente construídas para limitar as mulheres desta secção, uma vez que, elas enfrentam limitações de acesso em alguns pontos que achamos interessante trazer ao debate. As desigualdades de gênero, educação limitada, falta de acesso à educação formal, carga do trabalho, falta de acesso à saúde, participação política e econômica, são pontos que realmente despertam, aspectos interessantes para trazer ao debate, uma vez que, são questões que merecem ser analisadas com atenção. Essas mulheres, além de enfrentar barreiras nesses pontos que acabamos de mencionar, também têm o seu trabalho pouco valorizado pelos homens.

A divisão do trabalho é tão parcial visto que as meninas ou as mulheres fazem as suas tarefas sozinhas sem a interferência ou ajuda dos meninos ou homens, mas, quando se trata dos homens, é quase obrigatório a nossa colaboração e mesmo não querendo, a família não lhe permite (a tabanca também não). Ou quando essa mesma mulher não cumpre com essas demandas, ela é vista como uma mulher desobediente.

E as nossas tarefas são vistas pelos meninos ou homens como fáceis de realizar. Por exemplo, lembro-me bem, de na nossa tabanca, quando eu tinha 9 anos de idade, os meninos da casa tinham um privilégio de brincar mais do que nós, e quando voltam de brincar sempre nos cobram “porque é que vocês não acabaram de preparar a comida? Vocês não fazem nada e mesmo assim não conseguem preparar mais rápido a comida”. Estas palavras são preferidas pelos meninos com frequência na minha tabanca. Tudo isso acontece porque o homem é visto como provedor do lar e como ganhador de pão. Na minha comunidade nascer homem é sinônimo de privilégio e basta nascer mulher para perceber as muitas barreiras.

Independentemente das minhas reflexões sobre tudo o que eu vivi na minha própria família, como menina, que muitas vezes o seu trabalho não foi visto, também gostaria de realçar uma memória ou um acontecimento que presenciei de uma mulher que sofria abusos do marido, por não ter feito tarefas de casa. O homem sempre criava discussão onde até insultava a mulher por ela não ter feito a comida a tempo, situação que às vezes culmina na briga entre ambos. Esta situação colocava a mulher numa posição de submissa.

Ela trabalhava na “bolonha”, ou seja, no campo de cultivo de arroz é de lá que saía diretamente para casa apressada para ir fazer a cozinha e outros afazeres domésticos. Ela tornou-se uma máquina pelo que só deixaria de trabalhar quando fosse

para dormir. Esta situação sempre deixou em mim uma indignação bem forte, por conta da violência que aquela mulher sofria do marido. Conforme o INE¹ (2022) “A nível nacional, 36,4% das mulheres foram sujeitas a violência doméstica pelo marido/parceiro em 2018. Essa percentagem é mais elevada no meio rural (38,8% contra 33% no meio urbano)” INE (2022, p. 35). Este Instituto de pesquisa ainda acrescenta que este fenômeno se verifica mais nas mulheres com pouco ou sem nível de instrução. Sendo assim, nota-se que as mulheres guineenses sofrem violência doméstica, principalmente as do interior.

Falando de limitações, de mulheres guineenses em relação a outros lugares em diferentes comunidades do país isso se deve as grandes desigualdades de gênero no acesso educação das meninas, na prática de casamento infantil e na participação de mulheres no mercado de trabalho infantil. Em Guiné-Bissau, os meninos são mais privilegiados e motivados para estudar em relação às meninas. Esta situação vem sendo sustentada pelos pensamentos machistas que tem determinado o lar doméstico como o espaço da mulher. Conforme a Liga Guineense dos Direitos Humanos “ O nível de educação das meninas nos níveis secundário e pós-secundário continua a ser inferior ao dos meninos e as mulheres adultas têm um nível de alfabetização inferior ao dos homens” (Lgdh, 2022, p.69).

A Liga Guineense dos Direitos Humanos é uma organização não governamental sediada na cidade de Bissau, fundada em 12 de agosto de 1991. Desde a sua criação tem se dedicado na defesa dos direitos humanos, sendo também uma organização que participou na luta pela abolição de pena de morte na Guiné-Bissau nos anos 1990. Todos os anos esta organização produz um relatório sobre a situação dos direitos e liberdade das pessoas neste país como também de outros aspectos sociais.

Além das desigualdades de acesso à educação, os fatores das discriminações sociais contribuem para permanência das mulheres no setor de mercado informal. A mulher guineense representa um peso na economia guineense, mas, embora elas representam principais agentes econômicos, principalmente do setor informal, onde ocupam um largo espaço de contribuição, contudo, a discriminação de suas atividades é ainda permanente. Não há políticas públicas que amparam as mulheres nas suas atividades econômicas. Muitas delas no exercício de suas atividades econômicas são discriminadas, violadas e acima de tudo desvalorizadas ou exploradas pelos agentes policiais. No caso específico das mulheres Balantas de Ingoré, a maior parte delas estão

¹ Instituto Nacional de Estatística.

no mercado informal. Como já havia realçado acima, são produtoras de carvão, produtos da horta, enquanto que uma parte delas percorrem quilômetros para países vizinhos como Senegal e Gâmbia em busca de produtos para revender no mercado guineense. Tanto as que vão no exterior como as que produzem localmente, todas vendem os seus produtos no mercado de Bissau. Mas a questão com os policiais de trânsito, sempre é um problema que a maioria testemunha, sem mencionar a falta de infraestruturas rodoviárias de qualidades que possam lhes facilitar em termos de circulação.

Conforme o relatório da LGDH (2022):

É menos provável que as mulheres entrem no mercado laboral e trabalhem por salário igual ao dos homens. Quando isso acontece, as mulheres tendem a trabalhar a tempo parcial, no setor informal ou em profissões com salários mais baixos. Estas desvantagens traduzem-se em diferenças substanciais nos rendimentos consoante o género, que diminuem o poder de negociação e a voz das mulheres. Muitas meninas são casadas ou têm filhos antes dos 18 anos, ou seja, antes de poderem estar física e emocionalmente preparadas para se tornarem esposas e mães (Lgdh, 2022, p. 70).

Esses e outros fatores têm contribuído muito na mulheres em espaços de poder público e de destaque impedindo assim a emancipação progressista da camada feminina neste país.

INVISIBILIDADE DA MULHER

É perceptível que ao longo do tempo, tem ocorrido dentro da sociedade guineense, uma diferenciação de papéis entre homens e mulheres, fundamentadas na questão biológica de género. As vivências das mulheres ou do género se dá muitas das vezes na construção social que limita o lugar da mulher dentro da sociedade, dando as condições de ser visível o homem e destacando o seu trabalho, o poder de fala dentro da família, em que a fala da mulher é considerada menos importante. Sendo assim, o homem desde a sua infância cresce sabendo que a fala mais ouvida na família sempre foi dele e a mulher tem que aprender a fazer trabalhos domésticos e ser submissa, porque aquelas atividades são das mulheres. Esta ideologia ocidental afetou a sociedade guineense como fruto da colonização, sendo padronizada nos trabalhos domésticos à vida da mulher. Então, o grupo étnico balanta também não escapou deste legado da escravatura que atribui os afazeres domésticos e reprodutivos como aqueles menos valorizados por conta de serem feitos pela maioria de mulheres. Fato que Manuela

Borges (2011) confirma nesse trecho:

A representação da mulher, nos textos publicados no BCGP, foi construída maioritariamente por agentes da administração colonial, que era constituída exclusivamente por homens. Estas metodologias e ideologias essencialmente masculinas e colonizadoras, tiveram consequências importantes no conhecimento da realidade da vida das mulheres autóctones Borges (2011. p, 69).

As mulheres Balantas nos seus trabalhos, são uma forma de busca simples, mostrando sua capacidade e suas independências, mas, por motivos de força do patriarcado que controla o poder econômico, sociocultural e político, os trabalhos feitos por elas são invisibilizados pela sociedade. Estes trabalhos não são vistos como trabalhos que ajudam na manutenção e sustento da família.

No contexto guineense, é notório em diversos setores de trabalhos produtivos a ausência de mulheres. No contexto da pandemia, por exemplo, a situação da mulher tornou-se mais preocupante, pois nesse período as restrições impostas afetaram em larga escala a condição social e econômica da mulher, onde aumentaram os maus tratos e abusos. Sendo uma categoria marginalizada do poder econômico e político, ela acaba por aceitar as condições impostas pelos seus maridos ou pelo sistema patriarcal. De acordo com o relatório da Liga guineense dos direitos humanos (LGDH), sobre a situação dos direitos humanos na Guiné-Bissau 2020-2022 “as mulheres e meninas guineenses também correm maiores riscos de serem vítimas de violência baseada no género nas suas casas, no trabalho e em espaços públicos. A sua voz e capacidade de intervenção são frequentemente inferiores às dos homens” Lgdh (2023, p. 70).

Embora nos últimos tempos tenha aumentado a criação de organizações ou associações de rede de apoio às mulheres, por conta da falta de poder político e econômico, elas ainda estão enfrentando muitos desafios.

Como em outras sociedades que sofreram com o processo da colonização, a questão dos papéis das mulheres Balantas de Ingoré, também é marcada pela desvalorização destes trabalhos. As mulheres desta secção (distrito), enfrentam situações como indivisibilidade de suas funções, abusos, violências físicas e psicológicas. Em maior caso, estas mulheres não conseguem ter a oportunidade de estudar, situação que lhes coloca em posições de submissão.

Neste caso, pretendemos seguir esta pesquisa com a seguinte pergunta de partida: *Como são vistos os papéis das mulheres da etnia Brasa (Balanta) nas suas*

comunidades em secção Ingoré?

Quanto a sua relevância acadêmica, esta pesquisa servirá como um material de cunho bibliográfico para os futuros pesquisadores e pesquisadoras que estão interessados em fazer um estudo voltado a este assunto.

OBJETIVO GERAL

□ Compreender as Barreiras enfrentadas pelas mulheres do subgrupo Balanta kuntoi na secção de Ingoré (2018-2024)

Objetivos Específicos

□ O papel do Estado e das organizações não governamentais sobre ~~combate~~ a violência de gênero na Guiné-Bissau;

□ Analisar como as desigualdades estruturais contribuem na manutenção dessa violência;

□ Entender como é que os fatores socioculturais influenciam na violação dos direitos das mulheres nesta secção.

PROBLEMA DA PESQUISA

Este projeto de pesquisa objetiva-se analisar a violência de gênero através de um estudo voltado à seção kuntoi, para compreender as barreiras enfrentadas pelas mulheres do subgrupo Balanta kuntoi na secção de Ingoré entre anos (2018-2024).

Percebe-se que os modelos de ser masculino são muitas vezes o referente de ser pessoa e de ter boas qualidades. Papeis e funções conotadas com o masculino, tem o valor superior às dos modelos femininos. As características das violências contra as mulheres na Guiné-Bissau, suscitam grandes interesses nas organizações nacionais e internacionais que lidam com o desenvolvimento humano e a promoção da paz, particularmente da violência e da igualdade do gênero no país. Por meio desta proposta, pensamos as seguintes questões secundárias:

Como é que a sociedade dessa secção encara a violência contra a mulher?

Quais são os mecanismos adotados pelo Estado, no combate dos elementos ligados a este fenômeno?

Entender o papel e a posição do Estado e as organizações não governamentais (ONG) perante essas Barreiras que as mulheres sofrem nesta secção?

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa fornece a base para a discussão de alguns pontos ou algumas barreiras socialmente construídas que as mulheres desta secção enfrentam. Uma das principais barreiras enfrentadas pelas mulheres Balantas é a desigualdade de gênero, que se manifesta de várias maneiras, incluindo o acesso limitado à educação formal e às oportunidades de liderança comunitária. A alfabetização entre as mulheres é consideravelmente baixa, o que restringe suas chances de influenciar decisões políticas e econômicas fora do contexto familiar.

Além disso, as práticas tradicionais, como o casamento precoce e a poligamia, continuam a ser desafios significativos para as mulheres. O casamento precoce, em particular, impede que muitas meninas tenham acesso à educação e as coloca em situações de vulnerabilidade econômica e social. As mulheres também enfrentam limitações no que diz respeito ao direito de propriedade. Em muitas comunidades de Balantas, a terra e outros bens valiosos são herdados pelos homens, o que reforça a dependência econômica das mulheres em relação aos homens.

Apesar dessas barreiras, muitas mulheres do subgrupo Balanta Kuntoi têm desafiado as normas culturais, buscando maior autonomia e participação. Nos últimos anos, tem havido um movimento crescente de mulheres buscando educação e formação profissional, o que tem ajudado a mudar algumas dinâmicas dentro das comunidades. Grupos de apoio e organizações de mulheres também têm desempenhado um papel fundamental na promoção dos direitos das mulheres, particularmente no que diz respeito à saúde, à educação e à justiça social.

Percebe-se que o papel da mulher do subgrupo Balanta Kuntoi é central para a sobrevivência e continuidade da comunidade, mas está marcado por desigualdades de gênero que limitam seu poder e sua voz. No entanto, as mulheres estão cada vez mais desafiando essas barreiras, buscando novas oportunidades e maior reconhecimento de seu papel na sociedade, como aborda Mendy (1994).

O autor analisa o impacto do colonialismo nas dinâmicas sociais da Guiné-Bissau, incluindo o impacto nas comunidades de Balantas e nas mulheres.

O que seria a desigualdade de gênero?

1) Posição na sociedade: A sociedade Balanta kuntoi, nessa secção patriarcal, coloca as mulheres em uma posição subalterna em relação aos homens. As decisões importantes da comunidade são geralmente tomadas por homens, limitando a

participação feminina. Padrões culturais e tradições culturais, como o casamento precoce e práticas de dote, podem restringir a autonomia das mulheres. Além disso, espera-se que as mulheres sigam normas rígidas de comportamento, limitando suas escolhas pessoais e profissionais.

Educação Limitada: O acesso à educação para as meninas nessa comunidade é muitas vezes limitado por questões econômicas e culturais. A educação masculina costuma ser priorizada, o que impacta diretamente as oportunidades futuras das mulheres. **Violência e Discriminação:** As mulheres, como muitas outras em sociedades tradicionalistas, podem enfrentar violência de gênero e discriminação, tanto dentro da família quanto na comunidade. Isso inclui violência física, psicológica e práticas prejudiciais, como a mutilação genital feminina.

Falta de Acesso à Saúde: O acesso a serviços de saúde, especialmente saúde reprodutiva, é limitado em muitas regiões rurais. As mulheres enfrentam barreiras no acesso a cuidados pré-natais, controle de natalidade e outros serviços essenciais. **Participação Política e Econômica:** Embora as mulheres dessa comunidade contribuam significativamente para a economia agrícola de suas comunidades, elas têm pouca representação política e poder de decisão nas esferas públicas. O envolvimento em questões políticas e de liderança é restrito devido a normas de gênero.

Carga de Trabalho: As mulheres do subgrupo balanta de kuntoi assumem a maior parte das responsabilidades domésticas e agrícolas, trabalhando longas horas para sustentar suas famílias. Essa sobrecarga de trabalho pode restringir suas oportunidades de se envolver em outras atividades, como educação ou empreendedorismo. Essas barreiras refletem um conjunto de desafios que são comuns em muitas sociedades tradicionais, mas que se manifestam de maneiras específicas dentro da cultura Balanta.

A divisão sexual do trabalho no contexto africano, é um fenômeno de cunho colonial, isto é, um legado deixado durante o período colonial, em várias sociedades africanas que sofrem com este processo de invasão colonial. Para realçar esta situação, trazemos Oyewumi Oyeronke (2021), que defende que anteriormente não havia a concepção de gênero na antiga África antes da colonização.

Para esta autora, a concepção de gênero é herança colonial criada e deixada nas terras africanas para determinar homens patriarcais e mulheres subordinadas que hoje são encontradas nos territórios africanos. Na visão de Oyeronke (2021), não se falava da divisão do trabalho a partir do gênero ou a estatística do gênero. A autora vem criticando pesquisadores ocidentais que determinaram a divisão do trabalho a partir da

estatística do gênero. Portanto, para ela as ideologias ocidentais são responsáveis pela divisão do trabalho por gênero. A divisão do trabalho se dava a partir de dois níveis, espacial e pessoal, o nível espacial referia-se a lugares e campos de cultivo que pertenciam onde uma determinada família se dedicava ao seu trabalho. Assim, a experiência vivida naquele trabalho era passada a toda geração, independentemente de ser mulher ou homem. Os membros desta família ou linhagem vão se distinguir dos outros através do trabalho realizado pela família. Já ao nível pessoal, se dava na especificação de um determinado trabalho por pessoa que podia ser mulher ou homem.

Portanto Oyeronke (2021) afirma que:

Não havia mulheres na sociedade iorubá até recentemente. Havia, obviamente, obinrin. As obinrin são as fêmeas. Sua anatomia, assim como a dos .kúnrin (ana machos), não as privilegiava para nenhuma posição social e, da mesma forma, não prejudicava seu acesso a qualquer posição social Oyeronke (2021, p. 130).

Deste modo, a construção de gênero era cultural em função de sistemas e organizações culturais e não na concepção biológica como tem defendido a concepção dualista europeia (Oyeronke, 2021). Embora a autora admite que a questão de gênero tem o seu tempo e lugar nas análises acadêmicas contemporâneas, na era pré-colonial não havia a concepção de gênero. Posto isto, a divisão do trabalho era dado por meio da linhagem e não pelo sexo ou gênero, como tem sido nos tempos pós-coloniais. Oyeronke (2021) alega que:

A divisão do trabalho aqui era baseada na linhagem em que a participação na linhagem, e não a anatomia, era o pré-requisito para praticar tais profissões. Essa divisão do trabalho foi percebida em um nível metafísico. Os membros das linhagens especializadas eram vistos com um mandato exclusivo do orixá que permitia o desempenho adequado de suas profissões Oyeronke (2021, p. 117).

No entendimento da autora, tanto os homens como as mulheres podiam fazer os mesmos trabalhos, desde que são pertencentes da mesma linhagem, fator que determinava a divisão do trabalho. O trabalho era agrupado conforme a dedicação de uma determinada família ou linhagem a um modelo ou tipo de trabalho. De maneira que os homens se dedicavam ao comércio, agricultura era de igual forma que as mulheres se concentravam nestas atividades. E ainda no que tange a cuidados com os filhos em casa era compartilhadas entre homens e mulheres nas sociedades africanas pré-coloniais porque “No que diz respeito ao modelo mãe/pai, tanto as mães como os pais tinham obrigações do “ganha-pão” para com as crianças” Oyeronke (2021, p. 125).

Em vista disso, para falar da divisão sexual do trabalho a partir do contexto de

Balantas de Kuntoi da Guiné-Bissau, esta relação não foge deste legado da escravização que especificou o trabalho da mulher e do homem nestas sociedades. O colono sempre tinha o desejo de produzir em grande quantidade, razão pela qual aproveitou a mão de obra masculina em detrimento da feminina que considera frágil e que servia somente para a procriação e trabalhos domésticos. Esta concepção da divisão e especificação de atividades foi se enraizando nas comunidades africanas que, até hoje, em sua maioria vigoram modos de educação voltados ao período colonial.

Ainda que o sistema colonial determinou uma concepção de divisão sexual do trabalho nestas comunidades, contudo se verifica que as mulheres desempenham atividades de grande relevância nestas sociedades. Embora não são vistas, conforme Oyeronke (2021) “o corpo é usado como chave para situar as pessoas no sistema social ocidental, na medida em que a posse ou a ausência de certas partes do corpo inscreve diferentes privilégios e desvantagens sociais” Oyeronke (2021, p. 130). Esta concepção social ocidental determinou o espaço para o corpo feminino, espaço este, que não lhe dignifica em frente do corpo masculino que é privilegiado.

As mulheres nestas sociedades, como já tinha dito, participam de diversas atividades, principalmente as econômicas e sociais, a título de exemplo, a agricultura familiar. Estas mulheres contribuem todas as tarefas para o sustento da família. Nesta perspectiva, Maria Betânia Ávila (2007) assinala que:

O ethos da agricultura familiar coloca no pai todo o poder para organizar, não só o empreendimento produtivo, como também todo universo de relações que ali ocorrem. A partir dele, constrói-se uma hierarquia rígida na ocupação de lugares, atribuição de valores, oportunidades e benefícios Ávila (2007, p.58).

Esta situação pode ser vista na relação econômica entre algumas mulheres e seus maridos. Normalmente, elas compartilham seus rendimentos de negócios com seus maridos por conta de medo ou outra repressão que possivelmente possa surgir na revolta do marido quanto ao assunto. A autora ainda admite que “se o patriarcado é o sistema que cria, justifica e legitima a opressão e exploração das mulheres, a agricultura familiar, ao se organizar a partir deste sistema, reproduz e perpetua tal exploração e opressão.” Ávila (2007, p.58).

Através desta reprodução a mulher é mantida à margem de lugares de produções promovendo assim esta divisão do trabalho e diferenciação de oportunidades. Portanto, no entendimento de Ávila, “tal diferenciação de oportunidades e poderes ocorre, não apenas na agricultura familiar, mas no próprio processo de visibilidade e

valorização desse modo de produção.”Ávila (2020 p,58). É interessante observar que agricultura familiar era vista como uma atividade vinculada ao doméstico, mas a partir de momento em que passa a ocupar espaços nas grandes políticas, os seus protagonistas mudaram de sexo, sendo controlado por homens. Isso mostra o quanto o patriarcado está subjugado a política. Neste âmbito, nota-se que não são as mulheres que se ocultam, porém as formas sociais patriarcais que os oprimem de lugares de poder (Ávila, 2007). Geralmente, é o que se pode constatar na sociedade atual. A mulher é responsável pela venda de maior parte da colheita e também é financeira no sentido de que, é ela que paga os trabalhadores, por exemplo, para a lavoura de amendoim, feijão e para além da sua atividade hortaliça, que muitas vezes o marido desconhece de como chegou um quiabo na comida. Mas diante de tudo, ela não é gerente principal do rendimento da agricultura familiar. Assim, ela vai vender tudo e prestar conta ao marido, porque a sociedade determina que o marido é mais esclarecido e sabe fazer e organizar os negócios.

Embora seja desta forma que ainda coloca a mulher no espaço de invisibilização, tem uma razão para justificar esta posição, e passa pelo grau de escolaridade que tem menos que os homens. Posto esta questão, uma outra atividade que é a criação de animais, gostaria de trazê-la da minha realidade. A minha mãe é criadora de suínos junto ao meu pai, mas ela cria para vender, para as despesas da família, pagar as nossas escolas, alimentação e outras despesas importantes de sustento; enquanto que o pai destina a sua criação a atividades de cerimônia. O que acontece é que a minha mãe é quem cuida desses animais, tanto dela como do meu pai. Esta situação também é visível na vida de outras mulheres da aldeia, porque geralmente os balantas são conhecidos como etnia que mais se dedica na criação de suínos e bovinos. Em toda aldeia vê-se mulheres com baldes por todo canto em busca de restos de comidas “*iagu de purku*” para as suas crias.

Nesta ótica, Cayres e Costa *apud* Maria Betânia Ávila considera que:

As mulheres têm maior contribuição individual na força de trabalho familiar e na continuidade das atividades tradicionais. Enquanto que treinamentos, a manutenção do sistema tradicional é assegurada pela sobrecarga de trabalho das mulheres, os homens estão envolvidos com as novas técnicas introduzidas e nos treinamentos, a manutenção do sistema tradicional é assegurada pela sobrecarga de trabalho das mulheres” (Cayres e Costa, s.d *apud* Ávila, 2007, p, 60-61).

As mulheres na sociedade balanta de kuntoi são responsáveis por muitos trabalhos reprodutivos como; levar filhos e membros da família aos cuidados médicos e

cuidar de doentes internados, são elas que portam as lenhas de campo para casa, e muitas delas estão envolvidas nas atividades de produção de carvões para vender, produção de sal. Sendo assim, “[...] as mulheres são executoras exclusivas de 52% das atividades reprodutivas, especialmente aquelas cuja realização é diária e contínua.” Ávila (2007, p. 61).

Portanto, diante desta situação, embora elas sejam produtivas, a autora Ávila conclui que elas estão em todos lugares, porque trabalham atividades reprodutivas e produtivas em seu cotidiano. Segundo a Liga Guineense dos Direitos Humanos (LGDH):

As mulheres são as principais agentes económicas do sector primário e secundário, assegurando nomeadamente 55% da produção agrícola na Guiné-Bissau e sendo responsáveis por uma larga fatia da economia não formal, associada a atividades económicas ligadas ao pequeno comércio. Graças aos esforços e às capacidades das mulheres, tem sido possível garantir ao seu agregado familiar, particularmente aos filhos, o acesso à escolarização, alimentação, saúde e vestuário Lgdh (2023, p.71).

O trabalho reprodutivo sempre é identificado como trabalho da mulher, portanto ela sugere que sempre é o sujeito principal deste tipo de trabalho, situação que lhe coloca na invisibilidade quanto a sua contribuição no trabalho produtivo. É importante perceber que o trabalho reprodutivo é o que garante e sustenta o trabalho produtivo, na medida que, todos os trabalhos que as mulheres fazem em casa são imprescindíveis para a realização de outro trabalho de mais valia. Podemos explicar esta situação citando alguns trabalhos que elas, as mulheres, fazem para ajudar no rendimento econômico do seu marido: elas cozinham, lavam louças, roupas, cuidam dos filhos/família, da casa e muitos outros trabalhos que se não fosse por ela enquanto esposa, o marido teria que pagar pelos serviços ou colocar em causa a maior parte do seu tempo de trabalho a estes cuidados domésticos primordiais para que houvesse um dia de produções.

EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE BALANTA KUNTOI DE INGORÉ

Entende-se que a maior arma que os colonos utilizavam para implantar suas civilizações nas sociedades africanas era a educação colonial. Embora em outras comunidades africanas houvesse resistência, a educação foi implantada nos modos de vida ocidental. Neste período, a mulher foi marginalizada de uma educação crítica, embora, os homens também sofressem com este fato, eles eram privilegiados porque

podiam ocupar os cargos políticos que lhe permitiam tornar intermediários entre o povo e os colonos. Conforme Lourenço Ocuni Cá (2000), antes da colonização não havia a educação escolarizada, esse processo era feito em edifícios de estruturas, entretanto, já havia um modo de educação embasado na transmissão oral. Os conhecimentos eram repassados por meio experiências em diferentes atividades, como no comércio, no campo, na pesca e nas atividades de cultos e cerimônias tradicionais.

Estas formas de transmissão de conhecimento e de aprendizagem foram combatidas e excluídas na arena do sistema educacional nas comunidades africanas pelas forças coloniais. Porque a intenção do colono não era a educação do povo nativo, todavia, aculturá-lo a civilização europeia. Em vista disso, Cá (2000) admite que:

Não havia, portanto, a intenção de instruir ou educar as populações subjugadas, mas pelo contrário, extrair do seu seio uma minoria de homens letrados, indispensáveis para o funcionamento do sistema colonial de espoliação e reduzi-los a uma assimilação que devia retirar lhes qualquer possibilidades de desvendar o processo de docilização, despersonalização a que estavam submetidos Cá (2000, p. 5).

De acordo com Oyeronke (2021) “a desvantagem inicial das mulheres no sistema educacional é, sem dúvida, o principal determinante da inferioridade das mulheres e da falta de acesso a recursos no período colonial e, de fato, no período contemporâneo” Oyeronke (2012, p. 195). A autora ainda admite que neste período o sistema educativo estava sob comando da igreja. Esta que estava ao serviço dos patronos colonos. Neste período os homens eram educados, ou seja, eram preparados para serem evangelistas, pastores, missionários ao passo que a instrução das mulheres não passava de atividades vinculadas ao doméstico, como ajudantes de seus maridos, mães que se dedicavam a tecelagem outras atividades de âmbito familiar.

Na visão de Cá (2000),

Para desenvolver esse espírito do sistema educacional, o regime colonial português havia-se associado à Igreja Católica no seu “dever colonizador” para dar a educação às populações coloniais dentro dos moldes particulares da cultura portuguesa. Era, então, necessário um mínimo de europeização para impor uma ordem social que facilitasse a exploração econômica Cá (2000, p. 5).

Assim, esta forma de educação acabou sendo imposta nas culturas africanas refletindo até hoje nestas sociedades. Como se pode ver, o patriarcado desde o período colonial determinou a divisão de trabalho, embora a igreja católica oferecia a educação escolar, nota-se que não conseguiu dar cobro pra toda a população, em sua maioria as mulheres, deste modo, elas ficaram longe dos espaços de poder, não só pela falta de

oportunidade de instrução, mas porque o próprio patriarcado era cunhado as políticas do Estado colonial. Neste âmbito, podemos afirmar que foram e até hoje são as forças estatais machistas que têm marginalizado as mulheres no campo da educação.

A Guiné-Bissau é um dos países africanos com um sistema de educação que ainda deixa a desejar, com um nível alto de desigualdades entre homens e mulheres quanto ao acesso aos serviços públicos, caso de educação, saúde e política. A camada feminina guineense vem enfrentando várias situações de desigualdade e violências sem oportunidade de estudar em relação aos homens. Neste caso Gomes e Silva (2023, p.10) apontam que, “sendo assim, a construção e reprodução de discursos sexistas, machistas e discriminatórios prevaleceu e, infelizmente, ainda permanece no imaginário da sociedade guineense”.

Em Guiné-Bissau, a taxa de abandono escolar é mais comum na camada feminina por razões como: ela é menos privilegiada para estudar, reprovam mais por conta de menos tempo para estudar devido os trabalhos de casa que tem que realizar sempre, enfrentando também a questão da gravidez precoce, casamento arranjado (*forçado*), violências baseadas em gênero nas escolas. Este conjunto de problemas, afetam a vida de mulheres guineenses promovendo assim, um impasse da sua participação em lugares de destaque no país.

Portanto, a maior parte de mulheres guineenses estão no setor informal. Mas ao longo dos tempos, temos visto a afirmação das mulheres neste setor porque tornou-se um dos setores econômicos que mais gera renda familiar. Como já havia dito acima, muitas mulheres são responsáveis pela educação dos filhos, elas que pagam a educação e garantem a alimentação.

Sendo assim, o que se vê no país atualmente, é a luta de mulheres para implementação de políticas que vão facilitar nas suas atividades econômicas, para pensar o lugar de mercado informal, que possui uma simbologia política, cultural e social para as mulheres. Assim, esta situação também é presente na sociedade balanta de ingoré. As mulheres nesta sociedade, estão organizadas em associações e grupos para defender os seus direitos. E estas associações estão organizadas conforme a atividade econômica de cada grupo, ou seja, vendedoras de carvão, de peixe, de legumes, de peças de amendoim e outros produtos. Portanto, hoje, podemos afirmar que a luta das mulheres para a sua emancipação se dá como um caminho em construção, embora ainda haja ausência do Estado na observação política de atividades realizadas por estas mulheres.

Apesar das mulheres serem apartadas da educação formal, ao longo dos tempos, podemos notar as suas dinâmicas na educação tradicional, principalmente nas sociedades africanas. A formação da mulher na sociedade Balanta se dá por várias formas, sendo de geração para geração, isto é, das mais velhas para as mais novas. Nesta sociedade, a educação é coletiva, isto é, todas as pessoas mais velhas podem transmitir conhecimento a qualquer pessoa na rua, tanto pelos conselhos, como também outras formas de diálogos. Neste caso, ninguém é responsável pela educação de uma forma definitiva, embora a mulher sempre é quem tem mais contato com os filhos. Ela é educada e preparada para a vida matrimonial, situação que a torna mais submissa.

No entendimento de Vânia Virgínia Mendes Correia Tavares (2023), o matriarcado é muito importante no processo de formação da mulher na sociedade balanta, portanto, ela reitera que “nesta fase a mãe é a maior responsável de transmitir o ensinamento para a sua filha, pois na comunidade Balanta a mulher tem mais facilidade de ensinar a menina e o homem o menino” Tavares (2023, p. 14).

PAPEL DAS ONGS NA LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO E VIOLÊNCIAS SOCIAIS

Nota-se que após a independência, a Guiné-Bissau vem atravessando vários momentos de conflitos sociais, políticos e econômicos. Razão pela as práticas de violências, principalmente contra as mulheres são situações ainda com alto índice nessa sociedade. Por conseguinte, em concordância com Casemiro (2004) *apud* Gomes e Silva (2023), “segundo uma das principais falhas do projeto de modernização do país, após a independência, foi a não incorporação das mulheres na agenda do desenvolvimento e no plano de governança” (Casemiro (2004 *apud* Gomes, Silva, 2023, p.10).

Em resposta a várias situações de violências, de gênero, pobreza e falta de educação, vem surgindo várias organizações não governamentais (ONGs) ou associações sem fins lucrativos com ações para minimizar o sofrimento da população em Bissau-Guineense. Estas organizações têm sido muito importantes no combate e denúncias de muitas práticas desumanas contra a classe pobre e menos privilegiada. Muitas destas organizações se dedicam a projetos de saúde e educação como também de violência de gênero. Neste caso, estendem seus serviços às comunidades rurais, no sentido de sensibilizar sobre certas formas de higiene ambiental, familiar e em especial corporal. Por exemplo, a casa dos direitos de Bissau, trabalha para mostrar os direitos

dos homens e das mulheres, mostrando que tanto os homens quanto as mulheres, têm o mesmo direito e que ninguém é mais importante, mas sim estabelecendo a equidade entre as duas dando a mulher o que lhe dignifica e tanto quanto o homem.

Podemos testemunhar ações de muitas destas organizações no período da covid-19, em que foram muito importante no combate a não propagação da doença às comunidades periféricas. Vimos muitos agentes pertencentes às ONGs oferecendo máscaras, instalando em lugares estratégicos, recipientes de água para lavagem de mãos. De todo modo, Guiné-Bissau carece de infraestruturas rodoviárias e meios de transporte, como também de políticas voltadas às comunidades do interior, razão pela qual muitas destas comunidades não sentem a presença do estado na resolução de conflitos ligados a desigualdade de gênero, violências domésticas, escolares, e como também falta de vários serviços públicos. As ONGs tornaram-se parceiros intermediários entre as comunidades e o governo, de modo que geralmente conseguem ter informação em primeira mão, em função do contato que parcialmente têm mantido com as comunidades. Muitas organizações têm correspondentes em diferentes lugares do interior e estes correspondentes trabalham em colaboração com associações locais no sentido de ajudar na resolução de certos conflitos. Quando pensamos nas ações desencadeadas pelo ministério da mulher, família e coesão social, percebemos o esforço, entretanto, muitas destas ações são centralizadas na capital bissau, tendo em vista que, não chegam nas zonas dos interiores do país, pois não atuam nas regiões onde geralmente acontecem muitas situações de violência.

Embora testemunhamos boas ações por parte de muitas ONGs, em muitos casos, os líderes de certas ONGs não suportam a pressão política, o que lhes leva a atuarem politicamente deslizando de seus objetivos. Quando os líderes das ONGs foram influenciados, muitas vezes, permanecem silenciados diante de situações que norteiam os objetivos da criação de sua organização.

METODOLOGIA

Nessa pesquisa, para dar conta do nosso objetivo, em primeiro lugar, será feita uma pesquisa bibliográfica, em que buscaremos trabalhos dos autores e das autoras que já pesquisaram a questão do gênero na Guiné Bissau, para compreender as barreiras que as mulheres enfrentam desde tenra idade. Percebe-se que a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir dos registros disponíveis, decorrente de pesquisas

anteriores, em documentos impressos como livros, artigos, teses, revistas e outras publicações.

A pesquisa bibliográfica é “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” Gil (2008, p.50). Dessa forma, buscaremos mostrar e elucidar a forma como os fatores socioculturais influenciam na violação dos direitos das mulheres nesta seção, adotando o método de uma abordagem qualitativa.

Também procuraremos analisar a realidade segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para análise dos dados, caso não haja possibilidades, ou meios financeiros de realização de uma pesquisa participativa, que possibilite entrevistas com líderes destas organizações que estão ligadas a violência de gênero na Guiné Bissau. Nesse sentido, também usaremos a internet a nosso favor, para podermos realizar entrevistas através das redes sociais, formulário eletrônico do google, com alguns líderes do movimento: “MIKAT, Mindjer ika tambor”.

Também iremos realizar entrevistas com os líderes da RENLUV-GC-GB, Rede Nacional de Luta Contra a Violência baseada no Gênero e Crianças na Guiné Bissau, que trabalha contra a violência de gênero e promover a justiça. Iremos realizar entrevistas com homens e mulheres, de idades diferentes. , em conformidade com Gerhardt Silveira (2009, p.72).

Na entrevista semiestruturada, “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramento do tema principal” Gerhardt e Silveira (2009, p.72). Por meio das respostas dessas organizações, e das pessoas de diferentes idades, procuraremos entender como é que as desigualdades estruturais contribuem na manutenção da violência contra mulher. A partir das questões e objetivos da nossa pesquisa, após a coleta de dados, faremos transcrição literal e a interpretações das falas dos indivíduos supracitados. Realizaremos também, análises de relatórios das ONGs, ligados a violências contra a mulher, sendo uma pesquisa que pretendemos desenvolver mais tarde.

TÉCNICAS DA PESQUISA

Para realização da presente pesquisa, iremos adotar abordagem qualitativa, de acordo com John W. Creswell (2010), demonstrando a especificidade do método, e como pode articular-se com o tipo de pesquisa que pretendemos realizar. Faremos as entrevistas com as técnicas consistentes em gerar e manter conversações com líderes desses movimentos, e os líderes das organizações Não-Governamentais, consideradas chaves no processo de investigação ou nesse estudo sobre as barreiras que as mulheres do subgrupo Balanta kuntoi enfrentam na secção de Ingoré.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Maria Betânia; GOUVEIA, Taciana; *et all.* **Reflexões Feministas para Transformação Social, SOS CORPO**. Instituto Feminista para a Democracia, Recife PE, n.0, p. 1-180, 2007.

BORGES, Manuela. **DA GUINÉ-BISSAU, O. CONHECIMENTO ETNOLÓGICO. O CONHECIMENTO ETNOLÓGICO DA GUINÉ-BISSAU. UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO**. Representações de África e dos africanos na História e cultura séculos XV a XXI, p. 65-105. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/61438147.pdf#page=65> . Acessado no dia 04 de dezembro de 2023.

CÁ, Imelson Ntchala. **Abordagens de ensinar português língua segunda no contexto guineense de ensino médio e superior**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Brasília, Brasília. 2019.

CÁ, Lourenço Ocuni. **A educação durante a colonização portuguesa na Guiné-Bissau (1471-1973)**. Rev. online Bibl. Prof. Joel Martins, Campinas, SP, v.2, n.1. p. 1-20. 2000.

COUTO, Hildo, Honório; Embaló, Filomena. **Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país de CPLP**. Revista brasileira de estudos crioulos e similares, nº20 Brasília, 2010, p.256.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa, métodos, qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Algarve: Artmed,2010. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-105762>. Acesso em: 24 de abril de 2024.

DOI:<http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2023v25id4184>. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/4184>. Acesso em: 24 de abril de 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Método de pesquisa** – Porto Alegre: Editora Da UFRGS, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa** (org.). Porto Alegre:UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos, *Métodos e Técnicas de pesquisa social*. 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa científica**. 6 ed. São Paulo, Editora Atlas S.A.- 2008.

GOMES, Bruno; SILVA, Natalino Neves da. **Políticas públicas da educação em Guiné-Bissau: desafios para a conquista do direito à educação**. Quaestio: revista de estudos em educação, Sorocaba, SP. v. 25. p. 1-19, 2023.

INE. **ESTATÍSTICAS DE GÊNERO: MULHERES E HOMENS NA GUINÉ-BISSAU**. Dezembro de 2022.

MENDY Peter Karibe. **COLONIALISMO E MUDANÇAS SOCIAL NA GUINÉ-BISSAU**. 1ª ed 1994.

LIGA GUINEENSE DOS DIREITOS HUMANOS (LGDH); **Relatório sobre a Situação dos Direitos Humanos na Guiné-Bissau 2020-2022**; Bissau, 2023. Disponível em: <http://www.lgdh.org/p/relatorios.html>. Acesso em: 24 de abril de 2024.

OYÈRÓNKÉ, Oyěwùmí. **A Invenção Das Mulheres: Construindo Um Sentido Africano Para Os Discursos Ocidentais De Gênero**; tradução: Wanderson flor do nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

TAVARES, Vânia Virgínia, Mendes, Correia; **Organização Social E O Papel Das Mulheres No Grupo Balanta Patch No Contexto Da Guiné-Bissau 2023**; TCC; (Licenciatura em ciências sociais), Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/3511>. Acesso em: 24 de abril de 2024.